

2018 – SIMPÓSIO/SYMPOSIUM – UNIVERSIDADE DE UBERABA

Participação no II Simpósio e Workshop Internacional – A Produção do Espaço e suas [Re] Significações na Cidade Contemporânea, com apresentação do tema: “Auto-construção e Sociedades Hipertexto da Modernidade Líquida”, UNIUBE, Uberada (Minas Gerais/Brasil), de 24 à 28 de Setembro de 2018

Participation in the II Symposium and International Workshop - The Production of Space and its [Re] Significance in the Contemporary City, with presentation of the theme: "Auto-construction and Hypertext Modernity Net Societies", UNIUBE, Uberada (Minas Gerais/Brazil) September 24-28, 2018

<http://www.vitruvius.com.br/jornal/events/read/1941>
<http://www.uniube.br/conteudo2.php?p=4&m=&c=1790>

II SIMPÓSIO E WORKSHOP INTERNACIONAL

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E SUAS [RE] SIGNIFICAÇÕES NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

ABERTURA

DAILA COUTINHO
BELO HORIZONTE - BRASIL

JULIO ARROYO
SANTA FÉ - ARGENTINA

MANOEL R ALVES
SÃO CARLOS - BRASIL

LEANDRO ROSA
CATANDUVA - BRASIL

JOANA BARROS
SÃO PAULO - BRASIL

MARIA JOÃO T. GRILO
LUANDA - ANGOLA

EGAS JOSÉ VIEIRA
LISBOA - PORTUGAL

APRESENTAÇÃO DOS
RESULTADOS DO
WORKSHOP

24 19H SET
25 19H SET
26 19H SET
27 19H SET
28 19H SET

AUDITÓRIO
2D 56
UNIUBE

24-28
SET

WORKSHOP

[RE] SIGNIFICAÇÕES E MEMÓRIA
NO URBANISMO "RODOVIARISTA"
MATUTINO E VESPERTINO - BLOCO 2V

24-28
SET



PATROCÍNIO

CAU/MG

Conselho de Arquitetura
e Urbanismo de Minas Gerais



Uniube

REALIZAÇÃO

CAU
uniube
arquitetura e urbanismo

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E SUAS [RE] SIGNIFICAÇÕES NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

ABERTURA

**DAILA
COUTINHO**
VAZIO S/A

TEMA
A produção do
espaço e suas
[Re]significações
na cidade
contemporânea.

24^{SET} 19H

**JULIO
ARROYO**
UNIVERSIDADE
NACIONAL DEL
LITORAL - SANTA FÉ

**MANOEL
R ALVES**
INSTITUTO DE
ARQUITETURA E
URBANISMO - USP

TEMA
Transformações
espaciais recentes
em áreas urbanas
consolidadas.

25^{SET} 19H

**LEANDRO
ROSA**
INSTITUTO MUNICIPAL
DE ENSINO SUPERIOR -
CATANDUVA SP

**JOANA
BARROS**
UNIVERSIDADE
FEDERAL SÃO
PAULO - UNIFESP

TEMA
[Re]significando as
relações humanas:
neoliberalismo,
cidadania,
desenraizamento.

26^{SET} 19H

**MARIA JOÃO
T. GRILO**
METAPOLISPAC
LUANDA

**EGAS
JOSÉ VIEIRA**
CONTEMPORANEA
LDA - UNIVERSIDADE
AUTÔNOMA DE LISBOA

TEMA
Arquiteturas
[Re]significadas:
outros contextos [?]

27^{SET} 19H

**APRESENTAÇÃO
DOS RESULTADOS
DO WORKSHOP
PELOS GRUPOS
DE TRABALHO**

**FECHAMENTO
DO EVENTO**

28^{SET} 19H

**24-28
SET** **WORKSHOP [RE] SIGNIFICAÇÕES E
MEMÓRIA DO URBANISMO "RODOVIARISTA"**
MATUTINO E VESPERTINO - BLOCO 2V



PATROCÍNIO

CAU/MG

Conselho de Arquitetura
e Urbanismo de Minas Gerais



Uniube

REALIZAÇÃO

CAU
arquitetura e urbanismo

**AUTO-CONSTRUÇÃO E SOCIEDADES
HIPERTEXTO DA MODERNIDADE LÍQUIDA**

Maria João Teles Grilo
(Angola)

“If you can change the street, you can change the world.”

Janette Sadik-Khan

“Aquele mundo era tão recente que ainda não tinha nome.”

Aporofobia – à-poros (pobre, desvalido) - Adela Cortina

ABSTRACT

A cidade auto-construída “fala” e “grita” sobre o desajuste da gestão urbana e do planeamento às necessidades de uma enorme maioria habitacional em todo o mundo. Incorpora, subentendida, as problemáticas, lógicas, necessidades, dinâmicas que caracterizam as sociedades hipertexto e contexto de pobreza, e ensaia, desarticuladamente, algumas das equações e problemáticas urbanas que estas sociedades necessitam.

Faz-se de uma forma desestruturada, de entranhas expostas, levanta as questões cruciais das metápoles que exigem do Urbanismo e Arquitectura, nas suas regras, regulamentos, conceitos, política, uma refundação de paradigmas, dos pressupostos, da sua filosofia, como instrumentos privilegiados e reconhecidos de gestão e intervenção urbana. E ironicamente, a cidade “informal” (onde vivem $\frac{3}{4}$ da população mundial), é um laboratório privilegiado para a teoria da Arquitectura e do Urbanismo escrever um capítulo novo.

Palavras-chave: Auto-construção, Espaço Público, Sociedade Hipertexto, Transição Social Urbana, Mobilidade

APONTAMENTO INTRODUTÓRIO

Já vários anos, quando Sebastião Salgado, estava em Lisboa com o Chico Buarque, e com o Saramago apresentado a sua exposição TERRA em 2001, a Clara Ferreira Alves fez uma mesa redonda com os três. Teve a infeliz ideia de apresentar o Sebastião como um excelente fotógrafo cujo trabalho se centrava nas periferias do mundo. O caldo entornou, o Sebastião Salgado, furioso, perguntou-lhe se $\frac{3}{4}$ do mundo lhe parecia uma periferia? E em que mundo ela vivia? O autismo é bastante semelhante àquele com que se lê as grandes metápoles do mundo. Profissionais e cidadãos em geral identificam cidades como os centros consolidados, pequenos, face a áreas urbanas extensas onde vive a maioria da população mundial e às quais se insiste em chamar “informais”.



Se a evidência e os dados são óbvios são uma enorme resistência mundial em assumir que, o que realmente caracteriza uma maioria significativa de metrópoles são as suas manchas humanas e físicas auto-construídas. Entendida genericamente como uma alteridade, o “outro”, ao que se insiste em classificar como “informal”.

Paralelamente, outros fenómenos contribuíram para isso: Neo-liberalismo, neo-colonialismos, a profunda transformação social de “sociedade Sólida” em “sociedade Líquida”, a mediatização e a manipulação da

“modernização” e do “progresso”, máscaras e peles, a construção mental dos paraísos perfeitos e o photoshop de pessoas brancas” perfeitas”, a profunda revolução tecnológica e os seus múltiplos instrumentos.

Dados mundiais e locais:

- 80% da humanidade vive com menos de 10 dólares por dia;
 - 40% da população mais pobre do mundo é responsável por 5% do rendimento global;
 - 20% da população mais rica do mundo é responsável por 75% do rendimento global;
- (HDR, United Nations Development Program, November 27, 2007)
- 2.2 biliões de crianças no mundo;
 - 3/4 da população mundial que vive com menos de 1 dólar por dia;
 - Aproximadamente metade da população mundial vive em cidades;
 - Em 2005, um em cada 3 habitantes vivia em slums;
- (World Bank, August, 2008)
- No início de 2012, a população mundial ultrapassava os 7 biliões, com pessoas abaixo dos 30 anos a contabilizarem 50.5% da totalidade;
 - LUANDA: 75% da população vive na Luanda auto-construída, 65% vive de uma economia informal, 70% da sua mancha de ocupação não é infra-estruturada (sem acesso a luz , água canalizada e rede de esgotos) e não tem equipamentos sociais.;
 - A idade média da população angolana é de 21 anos.
- (HDR, ONU, 2014)
- Em Angola, consumo médio de 15 litros de água por pessoa, por dia (2014);
 - Nos EUA, consumo médio de 575 litros de água por pessoa, por dia (2014);
 - Consumo de eletricidade em Angola: 248 KWh; Consumo de eletricidade nos EUA: 13.246 Kwh.
- (World Bank, 2011)

A TERCEIRA MODERNIDADE

Segundo Archer, este é o tempo da 3ª modernidade. Ao contrário de várias teorias, estamos cada vez mais modernos. Críticas ao Movimento Moderno juntaram, num caldeirão onde cabe tudo, filósofos, sociólogos, arquitetos, que acreditam que existe uma crise radical e de superação da modernidade. No entanto, as transformações contemporâneas, em vez de anunciarem o fim dessa modernidade, têm vindo a sublinhá-la. “De certa maneira tornamo-nos verdadeiramente modernos cada vez mais depressa pelo reforço recíproco das características que constituem a modernidade. A sociedade está cada vez mais racional, mais individualista e mais diferenciada. Mais individualista mas ao mesmo tempo mais socializada e em rede, mais diferenciada mas feita de diferenças de grau e não de natureza, enquanto explora territórios de multi-pertença social e cultural” (Archer, 2010).

Neste tempo de 3ª modernidade, talvez a contemporaneidade se tenha libertado de uma racionalidade simplista, e das suas formas de pensamento messiânico, que, na arquitetura e urbanismo significam uma debilitação destas disciplinas como forma de dominação e autoridade sobre o território, obrigando-nos a uma modernidade reflexiva e interactiva.

As novas metrópoles são cidades sem contexto territorial definido, limbos do conceito de rural e urbano e a sua estrutura básica é a rede de indivíduos. Assenta em fluxos distributivos e numa sociedade hipertexto regida por uma série de conexões electrónicas que são o nosso interface com o global. A “terceira revolução urbana

moderna” está a potenciar a metapolização, a transformação dos sistemas urbanos de mobilidade e a formação de espaços-tempo individuais.



“A racionalidade cada vez mais profunda das acções individuais apoia-se igualmente na teoria dos jogos e das escolhas limitadas, nas teorias da complexidade, do acaso e do caos, que vimos dominar sociedades antigas, ao mesmo tempo que se apoia nas ciências cognitivas” (Archer, 2010).

E se num olhar superficial parece haver uma ruptura entre modernidade e contemporaneidade, a continuidade é profunda como um rio que corre, subterrâneo. “A utopia moderna persistirá e deveria persistir como possível metáfora social e não como provável obrigação social” (Archer, 2010).

Modernidade Líquida, segundo Zygmund Bauman:

“Uma sociedade marcada pela vulnerabilidade e fluidez (onde não se consegue manter uma identidade mesmo física por muito tempo, mutável) [...] pela efemeridade e fragilidade dos laços humanos e das relações sociais... em que os seres humanos trocam a liberdade por uma suposta segurança, [...] onde, pelas tecnologias, o tempo se sobrepõe ao espaço”.

A CARACTERIZAÇÃO SOCIAL DA SOCIEDADE HIPERTEXTO - QUESTIONAMENTO E DISPUTA SOBRE A LEGITIMIDADE E MANIPULAÇÃO DE QUEM FAZ CIDADE

Não cabe aqui uma avaliação exaustiva – a tradução da resistência à “cidade informal” é extensiva às outras resistências. Como que este barco a naufragar do capitalismo industrial liberal resiste à realidade crescente de um capitalismo cognitivo, a resistência dos poderes políticos se agarram aos modelos operativos do urbanismo moderno como um poder que lida em si a capacidade de controlo e desenho físico do futuro, e dá vida aos seus cidadãos, o desespero de batalha perdida da capilaridade sem filtro das trocas de informação que as redes sociais permitem e as armas brancas que são hoje os instrumentos tecnológicos da mais significativa das revoluções do fim do séc. XX – a cibernética.

Estes são tempos de viragem e como em todos os tempos em que a história mundial mudou os dados e as regras do jogo, todas as formas instituídas e calcinadas se tentaram manter num grito agonizante: o poder que não quer partilhar o poder, sobre o qual se questiona a legitimidade, a economia que suga o tutano dos últimos ossos, a moral que prefere gritar “declínio moral” em vez de perceber que estamos já numa “transição moral”, esta transição de que fala Bauman, em “A Modernidade Líquida”, de emancipação dos indivíduos perante a imposição de regras “supramorais”, com aspirações a usar as reivindicações de classe, o individualismo como a vontade de ser “livre e colectivo”, do industrial que feito à medida dentro da massificação produtiva, de ser ou pelo menos a ilusão de ser, através da fluidez, o descompromisso, o transtorno.

MODO DE ABORDAGEM - A NARRATIVA DAS CIDADES AUTO-CONSTRUÍDAS

As cidades são reflexo e cristalizam as lógicas das suas sociedades. Pedem-nos as cidades, uma compreensão, mais acutilante, mais sensível do que está em jogo, uma atenção ao que emerge das novas sociedades contemporâneas.



É também nas cidades “informais” que vamos encontrar matéria urbana de análise sobre a tradução física da metapolitização, transformação dos sistemas urbanos de mobilidade, na formação de espaços-tempo individuais e na redefinição das relações entre interesses individuais, colectivos e gerais e nas novas relações com os riscos. Este sistema de mobilidade está no centro das dinâmicas urbanas, hoje substancialmente reforçado pelos instrumentos tecnológicos.



O mundo da vidas e a razão comunicativa (Habermas) - Sciedade auto-construída e sociedade líquida falam da necessidade de uma democracia deliberativa e uma participação decisiva da sociedade civil.

Na cidade têm relevo:

1. Redes e sistemas urbanos de mobilidade;
2. Espaços-tempo individuais;
3. Interesses individuais, colectivos e gerais;
4. Vidas de riscos.

A metapolitização, como a globalização, induzem um duplo processo de homogeneização e de diferenciação. Homogeneização porque os mesmos actores económicos ou o mesmo tipo de actores económicos estão presentes, com as mesmas lógicas em todos os países e em todas as cidades.

As escolhas que os actores locais podem fazer são assim cada vez mais numerosas e o contacto dos territórios "locais" com o " global" faz aparecer as diferenças e encoraja a intervenção. Nos meios pobres estas tecnologias possibilitam o acesso à pessoas, situações, acontecimentos impossíveis segundo as hierarquias, rótulos, exclusões subentendidas, barreiras sócio-econômicas dos meios a que pertencem. Mas é também uma estratégia dos poderes financeiros, supra territoriais, de criar nas populações uma ilusão de pertença e acesso, quando a bipolaridade urbana é simultaneamente cada vez mais acentuada e menos democrática.

A dualidade urbana, uma bipolaridade que vem se acentuando. Abaixo, imagens de Luanda:



Em ‘Magnificent and Beggar Land: Angola Since the Civil War’, Soares de Oliveira diz:

“A elite fez a festa durante o crescimento do petróleo. O provável impacto no regime do colapso nos preços é pouco, porque se só se está a alimentar uma pequena percentagem do povo, 50 dólares por barril chega e sobra.”

“A clique dirigente consiste largamente numas poucas famílias de raça mista da capital, Luanda, que considera que os cerca de 21 milhões de angolanos negros no mato ou musseques são imperfeitamente civilizados, e com pouco desejo para os educar”.

Os meios de transporte individuais (automóvel, motas, bicicletas, patins, etc.) exprimem, cada um à sua maneira, a exigência crescente de autonomia e velocidade. A sociedade organiza-se a volta e a base dessa individualização, inclusivamente para melhorar os desempenhos económicos. É bem o exemplo da chamada dessincronização, deslocação e recolocação.



A cidade informal fala-nos do conceito contemporâneo de "ser livres em conjunto e não classificados". Vive de incertezas da vida quotidiana e respostas possíveis a elas. A vida económica da cidade informal permite a adaptação a um contexto mais variado, a circunstâncias menos previsíveis. A Flexibilidade e uma noção chave no trabalho e fora dele. A informalidade responde 24x24: o pão que se compra na rua, o concerto de pneus, as refeições, os botequins abertos, o arranjo de um tubo de água ou luz.

Sendo naturalmente uma necessidade apetrechar as cidades densas de redes de transportes urbanos colectivos, com itinerários fixos, horários fixos, por eixos estruturais da cidade que permitam uma deslocação da massa humana, é igualmente necessário apetrechá-los de serviços públicos de transporte mais individualizado que cruzem as redes de itinerários fixos, mas que sirvam o movimento em tantas direcções do que se hoje se faz a vida urbana. E os candongueiros (serviços colectivos privados de pequena lotação que cobrem variados circuitos urbanos de todo o território metapolizado e garantem a possibilidade de circulação da população) são disso exemplo. Respondem à necessidade de serviço quase porta-a-porta. São a tradução, embora desarticulada, da necessidade contemporânea das populações circularem diariamente entre variados lugares onde desenvolvem a sua vida social e económica.

O comércio electrónico não substitui a importância do comércio local. Dentro da mesma lógica das TIC, a cidade móvel e telecomunicante dentro das novas arbitragens entre deslocações de pessoas, dos bens e das informações, precisa de ser animada por acontecimentos que exige a presença e o mundo sensorial e cada vez mais evocado a fazer o contraponto do mundo virtual.

Separação e privatização, apropriação do espaço público por grandes interesses multinacionais, rotura de equilíbrios dos modos culturais e sociais da população em geral, fazem da dinâmica e da gestão do espaço público o terreno da luta da cidadania participativa. Ai se confrontam os principais pontos nevrálgicos do urbano:

- Fronteiras, defesas, negociações, identidades colectivas;
- Reais e virtuais mobilidades;
- O espaço público como o lugar da subjectividade politica;
- Economias de transição em espaços de transição;
- A construção da cidade com as instituições locais e a cidadania;
- O corpo, nova entidade urbana.



Esta flexibilidade na oferta de serviços e no tempo é completamente contemporânea e fala da necessidade de rever a concepção de equipamentos públicos e serviços, essenciais da urbanidade. A segmentação de mercados progressivamente mais especializado e flutuante é uma resposta mais adequada à diversificação de necessidades sociais dentro do princípio do “um-para-um”.



Numa sociedade há várias dimensões e em territórios que mudam de tamanho e de natureza conforme as práticas e as mobilidades individuais mais do que a igualdade, a equidade é uma necessidade fundamental do equilíbrio urbano.

A CIDADE AUTO-CONSTRUÍDA COMO LABORATÓRIO PRIVILEGIADO DA REFUNDAÇÃO DO PLANEAMENTO PARA A CIDADE CONTEMPORÂNEA

- A urbanidade auto-construída é uma forma gerada e desenvolvida a partir do seu próprio processo tipológico em revisão contínua e tem uma visão cosmológica sobre outros referenciais;
- Fala de uma directa participação dos cidadãos na redução do défice residencial e na resolução do problema capital da habitação ,se ..., de uma forma mais organizada e estruturada;
- Fala da capitalização possível de uma percentagem significativa de população jovem e desempregada, da capitalização da sua iniciativa, habilidade, tempo livre e poupanças económicas;
- Introduce o valor do processo tipológico auto-construído como um modo e forma de crescimento da cidade;
- Cria um paralelismo entre o desenvolvimento do lugar habitado e vivido em múltiplas dimensões e a formação urbanística do bairro e extrapolação das suas lógicas urbanas;
- A aprendizagem de Construir no Tempo como modo social contemporâneo;
- O valor dialético do processo de urbanidade auto-construída e os seus contributos para a refundação do planeamento podem fazer-se através da análise comparativa do processo de construção, da sua relação com evolução da família usuária, dos mecanismos de adjudicação, da natureza do “produto”, do problema especulativo do valor dos solos rurais, periurbanos e urbanos que alimentam o mercado, e os mercados imobiliários e condicionam, ou mesmo condenam o desenvolvimento urbano das cidades;
- Obrigam a olhar de frente para a equação do que é hoje a transformação permanente da estrutura social da família; as respostas às flutuações e instabilidade económica, a mobilidade e fluxo como eixo central da revolução urbana, as alternativas criativas das dinâmicas urbanas e a construção das redes económicas ante a quase inexistência do estado social.;
- A cultura oral vigente na cidade auto-construída é a mais antiga expressão das redes sociais actuais;
- O comércio informal fala da importância do valor da transacção das lógicas das redes globais;
- Obriga-nos a equacionar soluções urbanas para cidades jovens, já que uma percentagem significativa desta população é muito jovem.

GESTÃO URBANA E GOVERNÂNCIA INTERACTIVA

Estas sociedades hipertexto caracterizadas por laços sociais “mais fracos”, menos estáveis, mais numerosos e variados, imbricados nas múltiplas redes, furam todas as organizações políticas de gestão urbana que pretendem integrar posições e até adesões, sobre um grande número de questões, num mesmo conjunto ideológico ou mesmo programático. É necessário renovar profundamente as modalidades de definição dos interesses colectivos e da construção das decisões públicas sobre a cidade. Hoje, em que estamos todos a empobrecer e que o aumento progressivo do desemprego mundial atira para o saco da população excluída do desenvolvimento económico uma percentagem significativa da população, a coesão social e urbana estão em risco. E com ela, as manifestações de ruptura. Urge uma compreensão diferente dos conceitos e paradigmas da cidade contemporânea.



Na cidade informal, os próprios indivíduos representam para si mesmos as suas situações, os seus comportamentos e as suas acções, não podem ser vistos como inimigos, mas sim como agentes participantes da transformação e até da acção do poder político, correndo estes o risco de sem eles não poderem agir. Numa opção muito mais lucida a governância interactiva responde melhor do que os métodos tradicionais de governo. Mesmo sabendo que os conflitos serão sempre inevitáveis e que nem tudo pode ser resolvido pelo debate, o individualismo, tal como hoje se institucionalizou não deve ser considerado como egoísmo. Este, associado a um declínio moral precisa de ser lido como “transição moral”. Fala da emancipação dos indivíduos perante as obrigações impostas pelas regras superiores. Estes mesmos indivíduos necessitam hoje de uma alteração que fundamente o respeito pelas regras, códigos e valores, mais adaptáveis às necessidades desta sociedade.



Importarão, talvez na gestão urbana mais: dinâmicas dos projectos; cumprimento de programa; soluções *ad-hoc* mais do que rigidez da aplicação de normas; consensos parciais mais do que decisões globais e gestão de risco.

Basta olhar para a debilidade do planeamento, para o seu incumprimento e sobretudo para o desfasamento e o autismo dos seus modos de insistir em “impor” desenho de cidade. Basta olhar para a rigidez das normas, os crescentes regulamentos e leis e a pouca amplitude da maioria das pessoas de as aplicar. Basta olhar para os canais abertos, para o crédito à habitação, e o número de beneficiários dos mesmos em função da sua renda. Basta olhar para a quantidade de cidade construída que desconhece e contradiz frontalmente os mecanismos formais e os instrumentos do poder, supostamente reveladores, para perceber a necessidade urgente de refundar o planeamento e a arquitetura institucional do território.

A Cidade Auto-construída aceitá-la é inevitável. Mas é preciso reconvertê-la e institucionalizá-la. A validação da mesma virá em função do papel que desempenha no contexto económico e social em que se implemente.

NOVO CAPÍTULO DA TEORIA DA ARQUITECTURA E URBANISMO

À cidade auto-construída falta o conhecimento teórico, a categorização destes conceitos só recentemente começaram a identificar, mas não sistematizados pela teoria do urbanismo. Através dela se fará reconhecível. Como qualquer novo movimento, contradiz o anterior, redefine as premissas de abordagem, os conceitos de base e as hipóteses de desenho de caminhos. Contrapõe-se ao urbanismo moderno, porque filosoficamente diferente das correntes de desenho urbano como instrumento de controlo “superior” da gestão do espaço e do desenvolvimento condicionado que proponha e das balizas com que definia espaço urbano e se impunha como orientador dos usos sociais e económicos do mesmo. As cidades que se geraram pela informalidade são a demonstração da incapacidade do urbanismo moderno em se afirmar no seu sentido messiânico e são o laboratório onde melhor poderemos ensaiar a revisão do papel, das regras e das normas que nos exigem hoje as sociedades hipertexto. Será o facto de se assumirem como uma forma não controlada pelo poder que inibe a sua assumpção? O receio a sua expressão formal pobre adia o reconhecimento das suas potencialidades intrínsecas?



A pobreza estampada no seu rosto urbano e sobretudo a ausência de infraestrutura condicionam a capacidade de reconhecer, estudar, validar a pertinência das suas lógicas e reconhecer que nela podemos encontrar e estudar alguns ingredientes fundamentais para desenhar a refundação do planeamento da terceira modernidade.

Daí a pertinência de falar em informalizar o formal e introduzir a validade crítica da informalidade face às políticas convencionais. Gritante é a sua maneira de lidar com a habitação autoconstruída à qual se contrapõem programas de habitação social. Os chamados bairros sociais apenas agudizam os desajustes da marginalidade, potenciados pelos modelos de espaço urbano implantados, estéreis de referências e lógicas culturais, sociais e económicas. Estes espartilhos de lógicas, completamente desajustada, estão condenados a não se constituírem como alternativa, já que partem de conceitos e preconceitos desde logo desmentidos pelas estatísticas: pensados para um princípio de minorias (quando afinal significam $\frac{3}{4}$ da população mundial), construídos não como uma forma urbana que proponha, com o desenho do espaço, um alternativa credível de revitalização e dignificação da vida humana mas como contentores formais cuja pele dá uma face mais lavada à cidade mas cujo conteúdo vive em conflito com os modelos físicos e sociais vigentes, de cariz estático e dogmático, apoiado numa estigmatização da pobreza, nas imagens propagandeadas da vida dos sonhos, com que o marketing das lógicas imobiliárias nos bombardeia, e nas lógicas economicistas capitalistas que imprimem um estatuto de exclusão, de mundo a abater (e nunca a compreender ou aprender com ele), a uma realidade física e social mundialmente alargada.



A esta terceira modernidade tem que corresponder uma mutação profunda da maneira de produzir, utilizar e de gerir os territórios em geral e as cidades autênticas (as “informais”) em particular.



Uma relação com a vida que admita variações de estado e uso, tolere desvios, suporte os excessos, albergue os risos, como modo de ser das cidades, sincréticas, embaladas pelo seu crioulisto provocante, que vive atrás do seu sorriso.



Como diz Júlio Teles Grilo, “[...] têm de compreender o difícil que é explicar aos outros como nós, arquitetos, somos parte financeiros, parte políticos, parte sociólogos, parte artistas, parte engenheiros, parte de muitas partes mas nunca especificamente nenhuma”.

E dizer-lhes que todas as coisas são assim como o pão que tem farinha e fermento e sal e água, e no fim, é pão.